

Análise das expressões de afetividade positiva e violência nos relacionamentos de crianças com adultos e seus impactos no desenvolvimento infantil no filme Matilda

Beatriz Carla Koch¹, Bia Hegele Lopes², Julia Muller Forte³, Natália Salm Loch⁴

¹⁻⁴Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente artigo buscou investigar como as diversas manifestações da violência e de afetividade positiva se caracterizam como fatores de risco ou de proteção, influenciando positivamente ou negativamente no desenvolvimento infantil. Para isso, foram utilizadas como base cenas do filme Matilda (1996), que retrata os primeiros anos de vida de uma garota excepcional, criada por uma família negligente, que encontra em sua professora um espaço de carinho e acolhimento. A partir dos trechos analisados verificou-se que expressões de violência, seja ela física, psicológica ou de negligência, se configuram como fatores de risco ao desenvolvimento, enquanto expressões de afetividade positiva são fatores de proteção. Desta maneira, pode-se concluir que os fatores de proteção como interesse pela criança, responsividade à mesma e carinho, contribuem para possibilitar um desenvolvimento infantil sadio e adequado, enquanto fatores de risco, tais como as diversas formas de violência e negligência, instauram desconfiança e danos psicológicos, acarretando também em prejuízos futuros.

Palavras-chave: violência, afetividade, desenvolvimento infantil, Matilda.

Introdução

O espaço da criança na sociedade moderna é resultado das diferentes abordagens e concepções de infância e desenvolvimento humano que surgiram e se transformaram através dos anos. Por muito tempo, as crianças foram consideradas “adultos em miniatura”, incompletos e imperfeitos (Sarmiento, 2008). Depois, com o desenvolvimento da escrita e da escola, a criança passou a se diferenciar dos adultos e requerer cuidados diferentes (Ariès, 1973). Com a burguesia e a Revolução Industrial, um novo conceito de infância surgiu, baseado no primitivismo e na evolução que se conclui na idade adulta (Ferreira & Araujo, 2009). Desse modo, a infância começa a ser compreendida como um estado de passagem, o qual deve ser superado a partir da acumulação de conhecimento e experiências necessários para a vida adulta (Hillesheim & Guareschi, 2007).

O status da criança como ser humano completo é frequentemente colocado à prova, visto que suas capacidades e habilidades estão supostamente incompletas se comparadas a uma pessoa adulta. O próprio conceito de cidadão, do viés de participação política, não contempla a infância, pois as crianças são impossibilitadas de atuar politicamente na sociedade democrática (Qvortrup, 2014). Essa e outras interpretações colaboraram e continuam colaborando para a invisibilidade da criança e das questões inerentes ao seu desenvolvimento — em especial, sua maior demanda de atenção, cuidado e proteção.

Para compreender o desenvolvimento infantil, é importante que se compreenda o desenvolvimento humano. Conforme Papalia et al. (2006), o desenvolvimento humano se constitui do estudo científico das características que mudam e das que permanecem as mesmas em uma pessoa durante toda a sua vida. O desenvolvimento infantil é, certamente, parte fundamental desse processo. De acordo com Souza (2014):

O Desenvolvimento Infantil é parte fundamental do desenvolvimento humano, um processo ativo e único de cada criança, expresso por continuidade e mudanças nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com aquisições progressivamente mais complexas nas funções da vida diária e no exercício de seu papel social (Souza, 2014, p.105).

Nos primeiros anos de vida de uma criança, o cérebro se desenvolve respondendo à experiência com a formação de novos neurônios, novas sinapses, novas arborizações dendríticas/terminais e crescimento axonal; a isto se dá o nome de plasticidade cerebral (Souza & Veríssimo, 2015). Segundo Muszkat & Cardoso (2016), essa plasticidade é resultante de interações entre o ambiente interno e externo à pessoa. Ela ocorre durante toda a vida, mas a infância é um período crítico para desenvolver diversas habilidades; assim, a criança está excepcionalmente vulnerável às experiências e ao contexto em que estiver inserida nesse momento. Além do mencionado, segundo Sierra e Mesquita (2006), não é somente o tamanho, força ou idade da criança que irão determinar sua vulnerabilidade; e sim as práticas sociais de abuso, frequentemente empregadas nas relações adulto-criança. A dependência da criança para a provisão de bens indispensáveis para a sobrevivência gera efeitos na relação assimétrica relativa ao poder e status social que têm os adultos e as crianças (Sarmiento, 2008).

Souza & Veríssimo (2015) também trazem que, para promoção da saúde da criança, é necessário compreender suas peculiaridades e necessidades, e prover um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Sabe-se que um contexto ambiental adequado poderá facilitar tanto o desenvolvimento cognitivo quanto motor (Andrade et al., 2005; Defilipo et al., 2012). Quanto mais estímulos uma criança receber de seu ambiente, mais complexa será a rede de sinapses que irá reter na vida adulta (Bee & Boyd, 2011).

Não só o ambiente deve ser intelectualmente estimulante, mas também deve-se atentar a outros fatores que podem influenciar o desenvolvimento, como subnutrição segundo Bee e

Boyd (2011). As relações que a criança estabelece entre os iguais, e com os adultos, também irão afetá-la. Conforme Papalia et al. (2006), as principais influências contextuais ao desenvolvimento são: a família; a condição socioeconômica e o local de moradia; e a sua cultura e etnicidade. Essas influências podem afetar tanto positivamente como negativamente, beneficiando ou prejudicando a criança que está se desenvolvendo.

A realidade brasileira nem sempre se mostra próxima da ideal no que tange o desenvolvimento infantil. Cotidianamente, crianças e adolescentes sofrem agressão de diferentes tipos; na maioria das vezes, empregada pelo seu círculo social mais próximo (Matos, 2021). O último caso largamente noticiado foi o do menino Henry Borel, de 4 anos, vítima de um caso de violência que teve como fim, sua morte (Matos, 2021).

Ao considerarmos a importância da proteção à criança em relação a contextos de vulnerabilidade e o cenário brasileiro exposto anteriormente, se faz essencial fortalecer e ampliar a atuação de mecanismos governamentais e jurídicos que garantam essa proteção. O Código de Menores foi a primeira forma de assegurar direitos às crianças e adolescentes no Brasil, sendo posteriormente substituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, chamada de Estatuto da Criança e do Adolescente que, hoje, é o instrumento principal na luta pela garantia dos direitos fundamentais relacionados a indivíduos nessa fase do desenvolvimento no Brasil. A lei considera a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento e traz em seu artigo 5º que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (Art. 5º, Lei nº 8.069, 1990). Também em seu artigo 13º, “Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da

respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.” (Art. 13º, Lei n. 8.069, 1990).

Apesar de os direitos das crianças serem assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda é necessário entender os conceitos de violência e afetividade positiva e seus impactos no desenvolvimento infantil. As crianças passam meses e anos tendo suas necessidades satisfeitas por intermédio do outro (Wallon, 1968), de forma que seus instrumentos são as relações construídas com aqueles que a rodeiam. Para Almeida (2008) a afetividade é o conjunto de manifestações dos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. Almeida afirma que, inicialmente, a afetividade é orientada por um componente orgânico: as primeiras expressões de sofrimento e prazer que a criança experimenta são a fome e a saciedade. A afetividade moral, por sua vez, envolve a sensibilidade ao outro, evoluindo do campo orgânico para o social, e é motivada pelas relações do indivíduo com outrem. Pode-se incluir o desenvolvimento da confiança e dos laços afetivos como indícios positivos nas relações entre adulto e criança. O suprimento das necessidades básicas do indivíduo, no início da vida, terão efeitos a longo prazo, especialmente quanto à compreensão do mundo e das relações por parte das crianças, por exemplo (Papalia et al., 2006).

Segundo Papalia et al. (2006), no início da vida de uma criança, até os 18 meses, terá de haver um certo equilíbrio entre a confiança, que formará laços afetivos, e a desconfiança, que a protegerá do perigo. Para que a confiança seja desenvolvida, deve haver um contato consistente, responsivo e sensível com o cuidador. Papalia et al. (2006), citando a teoria de Erikson (1982), ainda afirmam que deve haver neste período um predomínio da confiança, de forma que a criança possa desenvolver futuramente a esperança; caso não o haja, ela tenderá a ver o mundo como um lugar hostil e imprevisível, e provavelmente terá problemas ao estabelecer e manter futuros relacionamentos.

Percebemos então que a criança, através deste relacionamento inicial com seus responsáveis, poderá desenvolver quatro tipos diferentes de padrões de apego: seguro, inseguro evitativo, inseguro ambivalente ou desorganizado, sendo os três últimos negativos e fruto de uma relação disfuncional, e apenas o padrão de apego seguro sendo um fator de proteção ao desenvolvimento humano (Saur et al., 2018).

A longo prazo, o padrão de apego desenvolvido continua tendo efeitos (Papalia et al., 2006). Quanto mais seguro ele é, mais fácil será para a criança futuramente desenvolver bons relacionamentos com outras pessoas e tornar-se independente; ou seja, há uma continuidade neste desenvolvimento.

Dessa forma, faz-se claro que o afeto positivo orienta questões inerentes ao desenvolvimento da inteligência, como motivação e interesse. Um ambiente com afeto positivo contribui eficientemente para a formação do ser humano, tornando sua vida mais harmoniosa. Maia e Williams (2005), citando Reppold et al. (2002), trazem ainda que uma boa família, existência de vínculos afetivos e apoio parental são um fator de proteção ao desenvolvimento. Do contrário, a violência, em suas diferentes formas, pode trazer consigo uma diversidade de problemas ao indivíduo, sendo então um fator de risco.

A violência é um fenômeno presente na vida humana desde os períodos mais primitivos e se expressa hoje, das mais variadas formas, gerando muitos impactos tanto em níveis sociais como individuais. Segundo Hayeck (2009) a questão da violência passou a ser mais discutida a partir da década de 1980, inicialmente, porque constatou-se uma crescente banalização desse fenômeno, por conta do modo de vida e, depois, quando passou-se a ter mais clareza sobre a repercussão da violência na saúde física e emocional. Deve-se levar em conta, que o conceito de violência não é algo integralmente definido, mas assumiremos a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) que descreve violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, p.5, 2002).

Segundo a OMS (2002), existem tipologias da violência. A violência psicológica se caracteriza pela submissão de outrem a ameaças, humilhações e privações emocionais, e é um dos atos violentos mais difíceis de serem caracterizados, apesar de sua grande frequência (Maia & Williams, 2005). Conforme Papalia et al. (2006), a agressão é chamada de intimidação quando é deliberada e persistentemente dirigida a uma vítima fraca. Como consequência da violência psicológica praticada contra crianças, destaca-se baixa autoestima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, transtorno alimentar, abuso de substância, falta de controle de impulso, comportamento antissocial, baixo aproveitamento acadêmico e alta mortalidade; todos estes danos podendo repercutir a longo prazo (American Academy of Pediatrics, citado por Maia & Williams, 2005; Abranches & Assis, 2011).

Já o ato violento de natureza física está relacionado a agressão em relação ao corpo, como queimadura, espancamento e contusões (Maia & Williams, 2005). Crianças vítimas desse tipo de violência, segundo Widom citado por Maia e Williams (2005) são mais propensas, se comparadas a outras crianças não vítimas de violência, a cometerem crimes violentos no futuro. Desse modo, podemos inferir que crianças vítimas de violência física terão maior probabilidade de tornarem-se adultos que cometem delitos de caráter violento.

Como pode-se perceber, de acordo com Barnett (1997) citado por Maia e Williams (2005), não existe nenhum outro fator de risco mais associado a psicopatologias do desenvolvimento infantil do que a negligência e o abuso. Ou seja, uma criança que passa por um período de violência, seja ele muito intenso ou frequente, terá mais probabilidades de desenvolver transtornos ou doenças relacionadas ao desenvolvimento, como comportamento

agressivo, antissocial e até mesmo abusivo, repetindo padrões familiares. Além disso, podem apresentar problemas no desenvolvimento da linguagem, cognição e desempenho escolar.

Abordando um assunto de tamanha importância, tem-se como objetivo geral compreender a afetividade positiva e a violência nas relações entre crianças e adultos em seus contextos diários e como estas relações atravessam o desenvolvimento infantil a partir da análise do filme *Matilda*, que foi escolhido por abordar esses temas. Como objetivos específicos, espera-se identificar a afetividade positiva nas relações entre criança-adulto, assim como caracterizar como se manifesta a violência física, violência psicológica e a negligência.

Método

O método escolhido para realizar o presente trabalho foi a abordagem qualitativa de análise de conteúdo com categorias de comportamento por observação do filme norte-americano de fantasia e comédia “*Matilda*”, produzido no ano de 1996 com a direção de Danny DeVito, produtor também de filmes como “*Um Estranho no Ninho*” (1975) e “*Pulp Fiction: Tempo de Violência*” (1994). O filme *Matilda* foi escrito por Nicholas Kazan e Robin Swicord sendo baseado no romance homônimo criado pelo escritor britânico Roald Dahl.

Neste longa-metragem são retratados os primeiros sete anos da vida de *Matilda*, uma menina brilhante que tem de passar pelos desafios de viver com uma família ausente e negligente. Ela se apaixona por livros e por estudos, estimulando a própria cognição para escapar de sua realidade difícil. Após muito pedir aos pais, é matriculada pela primeira vez em uma escola (Escola Primária Crunchem Hall), onde conhece uma diretora (Agatha Trunchbull) autoritária e violenta com os alunos e uma professora muito atenciosa (Jennifer Honey). Logo, descobre que possui habilidades telecinéticas, de forma que consegue

confrontar a diretora com o apoio da professora Honey, com quem desenvolve um relacionamento importante.

A trama se apresenta em uma ordem cronológica, de modo que uma das cenas iniciais é a do nascimento de Matilda. Nos primeiros três anos da menina a qual, por ser deixada muito tempo sozinha e sob sua própria responsabilidade, desenvolve precocemente algumas habilidades como vestir-se e cozinhar. De modo estético e caricato, Matilda torna-se uma criança com bastante autonomia para seus seis anos de idade, aprendendo também a habilidade de leitura e escrita de forma independente.

Participantes (personagens)

Matilda Wormwood: Menina de cerca de seis anos, criada pelo pai e pela mãe e que possui um irmão mais velho. Tem a pele clara, o cabelo castanho-claro e os olhos azul-esverdeados, e possui altura e peso adequados para a idade. É uma menina excepcionalmente inteligente, que adora ler, e aprendeu a cuidar-se sozinha devido à negligência da parte dos pais. Descobre que possui o poder de telecinese quando está sentindo emoções muito fortes, como raiva.

Jennifer Honey: Professora da escola primária Chunchem Hall, especificamente da turma de Matilda. É uma mulher jovem, por volta dos 30 anos; seu cabelo é castanho-claro e os olhos também são castanhos, com a pele branca, peso e altura medianos. É muito amada por seus alunos, recusando-se a agir com severidade mesmo que a escola indique que o faça.

Agatha Trunchbull: Diretora da escola primária Chunchem Hall. É uma mulher de cerca de 50 anos, com cabelo castanho-escuro e olhos azuis, e aparenta estar sempre com uma expressão de raiva. Alta com músculos hipertrofiados, também um pouco acima do peso. Admite odiar crianças e as trata mal, ameaçando-as e castigando-as. É tia de Jennifer Honey,

tendo tomado a casa da família da mesma para si e deixando-a sem sua herança.

Harry e Zinnia Wormwood: Pais de Matilda. Harry é um homem de baixa estatura, com cabelos e olhos escuros e um pequeno bigode; trabalha vendendo automóveis, enganando os clientes e cobrando um preço maior do que valem. Zinnia é uma mulher de peso e altura medianos e cabelo loiro, que demonstra ser muito vaidosa. Ambos negligenciam Matilda, ignorando suas necessidades de afeto e de cuidado e focando em si mesmos.

Procedimentos

A partir da revisão bibliográfica e análise do filme, definiu-se duas categorias de análise: violência e afetividade. As categorias foram divididas em subcategorias para que as análises fossem mais precisas a partir dos elementos das cenas escolhidas. A saber, as subcategorias foram: violência física, violência psicológica e negligência em relação à categoria de violência, e afetividade positiva em relação à afetividade. Nas análises enfoca-se nas subcategorias criadas. As análises foram feitas a partir de observação não participante com seleção prévia de cenas relacionadas com as categorias feitas pelas autoras.

Categorias de Comportamento

Violência: O comportamento violento é caracterizado de diversas maneiras através do emprego arbitrário da força, por ator/atores posicionados hierarquicamente de forma assimétrica com o propósito de impor sua vontade contra os outros. Pode ser identificado tanto na expressão facial e corporal, de raiva, quanto na fala, com tom de voz alto. A violência pode ser expressada em diferentes formas, conforme será mencionado à seguir:

Negligência: A negligência se caracterizaria por ser, principalmente, uma forma de violência intrafamiliar. É, principalmente, uma indiferença dos pais ou responsáveis para com

a criança, dando pouca ou nenhuma importância à mesma e deixando-a “à própria sorte”.

Causa sensação de abandono e solidão naquele que sofre com tal tratamento.

Violência psicológica: A violência psicológica pode ser de mais difícil identificação na linguagem corporal. A pessoa pode apresentar aparente hostilidade, com músculos tensionados, mandíbula cerrada e testa franzida, ou não demonstrar na expressão corporal. Num ato de violência psicológica, costuma haver agressão verbal ao outro, menosprezando-o ou ofendendo; pode haver também ameaças de violência física. O resultado frequentemente é fazer o outro se sentir mal consigo mesmo e desconfortável, por vezes também com medo.

Violência física: Especificamente na violência física, costumamos ver uma linguagem corporal de agressividade. Na expressão facial, se encontram testa e sobrancelhas franzidas, além de olhos semicerrados; os lábios e dentes também podem estar cerrados, com a mandíbula tensionada. Já na questão da expressão corporal, também se percebe a raiva: as pernas ou braços podem estar cruzados, demonstrando falta de receptividade, e os músculos muito comumente estão tensionados; a pessoa aparenta estar prestes a partir para o ataque. Costuma causar danos físicos a outra pessoa ou fazer ameaças de tal forma de danos.

Afetividade positiva: O comportamento afetivo se caracteriza por ser aquele em que são manifestados emoções, sentimentos e paixões. As emoções podem ser, por exemplo, alegria, tristeza, raiva e medo; sentimentos e paixões costumam ser apresentados como reguladores do comportamento. Especificando principalmente o afeto positivo, temos que ele se dá em expressões de alegria, amor, entusiasmo, carinho e quaisquer outras formas de afetividade ligada ao bem-estar. Na linguagem corporal, se tem comumente membros relaxados e tranquilos, tornando a pessoa bastante receptiva ao outro; já na expressão facial, o que se percebe com frequência são sorrisos e a face também relaxada.

Resultados e Discussão

Os resultados foram obtidos a partir da análise de cenas do filme *Matilda* (1996), com enfoque especial nas relações da personagem Matilda com os adultos da trama, alternando entre núcleo familiar (Harry e Zinnia Wormwood) e núcleo educacional (diretora Trunchbull e professora Honey), observando-se as cenas de interação entre as personagens e fazendo relações com o referencial teórico já obtido. Também foram utilizadas cenas onde não há uma literal interação, a fim de contextualizar a obra e, principalmente, amplificar o entendimento dos resultados. Além disso, vale ressaltar que Matilda também interage com outras personagens inseridas nos ambientes que ela frequenta — casa e escola — os quais fazem parte de algumas cenas analisadas.

Negligência

Como citado anteriormente, a negligência é uma indiferença, especialmente dos responsáveis para com as crianças. É uma violência silenciosa. Na cena descrita a seguir, é possível verificar a situação de abandono da Matilda pelos seus pais, já nas primeiras horas de sua vida.

Ao saírem do hospital após o nascimento da Matilda, Harry e Zinnia carregam o bebê conforto do bebê sem cuidado ou cautela com a recém nascida, carregando-a com uma única mão e balançando-o para frente e para trás, Matilda é colocada no porta-malas do carro e seu irmão mais velho brinca com ela. Harry dirige o automóvel sem prudência, fazendo curvas bruscas e em alta velocidade. O descuido com o bebê é expresso com o movimento do bebê conforto, que está solto no porta malas. Ao chegar em casa, Harry estaciona o carro. A mãe da menina é a primeira a descer do carro, depois o restante da família desce e vão em direção a casa, deixando Matilda no porta-malas do carro.

Na cena descrita, com o esquecimento da menina no carro, e na narração feita pelo

narrador de que “*Quando Matilda tinha dois anos, todas as manhãs o irmão mais velho de Matilda ia para a escola, seu pai Harry ia revender carros usados por preços absurdos e sua mãe ia jogar Bingo, deixando a menina sozinha. Ao sair de casa, a mãe de Matilda diz para a menina que a sopa está no fogão e que ela deveria esquentar caso tivesse fome*”; é possível verificar a situação de indiferença dos pais de Matilda para com ela mesma, dando pouca ou nenhuma importância à menina e deixando-a sob sua própria responsabilidade em um período crítico onde se carece de cuidados.

Conforme mencionado no referencial teórico, nos primeiros anos de vida a criança desenvolve uma plasticidade neuronal, a qual segundo Muszkat & Cardoso (2016), é resultante de interações entre o ambiente interno e externo à pessoa, sendo então a criança vulnerável às experiências e aos contextos em que estiver inserida nesse momento. No caso da Matilda, esse contexto é de solidão e abandono, pois a menina ficava sozinha o dia todo. De acordo com Bee e Boyd (2011), Andrade et al. (2005) e Defilipo et al. (2012), quanto mais estímulos a criança receber do ambiente em que está inserida, mais facilmente terá seu desenvolvimento cognitivo e motor. No entanto, no filme e nas cenas detalhadas acima percebe-se que Matilda não recebe esses estímulos do ambiente no qual está inserida. Conforme a literatura, Matilda teria maior probabilidade de ser prejudicada pelas influências ao seu desenvolvimento. Porém, não é isso que acompanhamos no filme. Matilda se desenvolve de maneira exemplar, buscando outros recursos como o acesso à biblioteca. Isso acontece de uma forma até que caricata.

As situações de negligência a qual Matilda foi submetida, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), não deveriam existir, pois, o acesso ao cuidado, saúde, educação, alimentação e ao afeto são seus direitos fundamentais. De acordo com o artigo 13º, caso hoje Matilda fosse submetida a essas situações de negligência no Brasil, ela teria direito

de que providências fossem tomadas pelo poder público, como o acionamento do Conselho Tutelar e da Assistência Social.

Violência Psicológica

Para além do abandono vivenciado pela menina relativo à ausência de seus pais, especialmente quanto à colaboração em seu desenvolvimento, Matilda experiencia situações de violência, em especial a psicológica, empregadas por seu pai Harry Wormwood. Essa categoria de comportamento é expressa em diferentes cenas ao longo do filme. Dentre elas, a cena a seguir merece especial destaque.

Harry Wormwood está manipulando o contador de quilômetros rodados de um carro, diminuindo o valor indicado, a fim de torná-lo mais atraente aos olhos do comprador e efetuar a venda do automóvel. Matilda observa e, demonstrando indignação, comunica o pai de que aquilo está errado. Em resposta, Harry aproxima-se da garota e, com olhar sério e fala apressada, gesticula apontando o dedo indicador para ela e para ele mesmo em correspondência com sua fala, dizendo-lhe que ele é inteligente e ela burra, ele é grande e ela é pequena, e que ele está certo e ela errada, não havendo nada que ela possa fazer quanto a isso.

Neste trecho podemos identificar a relação desigual entre os adultos e crianças, expressa por Sarmiento (2005) em: “o poder legítimo de controle dos adultos sobre as crianças está reconhecido e é exercido [...] o que coloca a infância numa posição subalterna face à geração adulta” (p. 19). Na dicotomia que traz em sua fala, Harry reproduziu o que Qvortrup (2014) sintetizou como a invisibilidade da infância. Isso é, a compreensão da criança como um ser com habilidades e competências incompletas se comparadas com a de um adulto. É possível identificar as decorrências psicológicas das falas agressivas de seu pai nas cenas em que Matilda encontra-se sozinha chorando em seu quarto, buscando consolo nas personagens das histórias dos livros que lê. Nesse sentido, conforme citado anteriormente, Abranches e Assis (2011) nos trazem que a violência psicológica vivida na infância gera danos reais e

potenciais com repercussões a curto e longo prazo, ou seja, podendo também ser refletidos na vida adulta do sujeito. Além disso, essa cena retrata o que Sierra e Mesquita (2016) trazem em seu artigo acerca dos fatores de risco e proteção na infância: crianças estão frequentemente ameaçadas por pessoas de seu círculo de convívio próximo, como pais, vizinhos e professores.

Resgatando a afirmação anterior, identificamos que o filme também ilustra situações de violência psicológica vivida por Matilda na escola, empregadas pela diretora Agatha Trunchbull. Uma cena que expressa isso é a descrita a seguir:

Matilda é deixada na escola pelo seu pai. Existem muitas crianças brincando no pátio. Matilda segue caminhando, quando subitamente a porta do prédio se abre, causando uma reação de gritos e fuga nas crianças que ali estavam. Na cena podemos ver as crianças se calando, posicionando-se à distância e com uma postura que remete a uma posição militar de sentido. Nesse momento, outra personagem, com um chicote em mãos, começa a batê-lo levemente em sua outra mão. Ela desce as escadas e anda em direção às crianças, elas afastam-se, dando passos para trás sem em nenhum momento olhar em seu rosto. Todas as crianças passam a olhar para baixo e se posicionam de maneira submissa e nervosa, posicionando as mãos em frente a seu tronco. Matilda, conhece uma menina, que a explica que aquela figura que acaba de sair do prédio é a diretora, a Sra. Trunchbull.

O período escolar na infância representa um momento em que a criança desenvolve as primeiras atividades coletivas, aprende a lidar com limites e a interagir com outras crianças e adultos além de seus pais e irmãos. Nessa cena vemos Matilda em seu primeiro ingresso na escola, coberto de muitas expectativas para poder interagir com seus pares. Sabe-se que a mudança na rotina e os inúmeros novos desafios propostos nas unidades escolares já são por si só estressantes e intensos para a criança. Se esse período for associado a situações de estresse mais acentuado, como maus-tratos ou violência psicológica, os riscos em relação ao desenvolvimento saudável são muito relevantes (Barnett, 1997, apud Maia & Williams, 2005). Como o filme não retrata Matilda a longo prazo, não podemos afirmar que essas

situações afetaram seu desenvolvimento.

De acordo com o apresentado no referencial teórico, o Código de Menores de 1979 — que viria a ser substituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) — fortaleceu o entendimento da sociedade de que crianças e adolescentes devem ser educados a partir da autoridade e disciplina, para se tornarem adultos produtivos e de boa índole. Isso é nítido na forma como a Sra. Trunchbull se relaciona com seus alunos, pois a mesma corresponde ao que consideramos ser uma educação baseada em, afirmação de autoridade do adulto e de ameaças, desse modo, caracterizando-se como violência psicológica. A reação das crianças, como a postura ereta que lembra uma posição militar de sentido, associado ao olhar direcionado ao chão, a movimentação de recuo em relação ao avanço da diretora, são indicativos de uma relação de violência psicológica baseada no medo, ameaça e menosprezo em relação às crianças.

Os impactos no desenvolvimento infantil, de crianças que convivem em uma realidade de violência psicológica, são muitas. Como citado anteriormente, segundo Papalia et al. (2006), crianças na primeira infância irão interagir com o mundo a partir de um equilíbrio entre confiança e desconfiança. Especialmente interessante neste caso é que, quando a desconfiança se sobressai, as crianças vão pensar no mundo como um lugar hostil e imprevisível, e serão mais inseguras e desinteressadas, além de terem dificuldades para estabelecer e manter relacionamentos interpessoais. Ainda para Papalia et al. (2006), vítimas de intimidação podem tender a ser ansiosas e submissas, tendo também baixa autoestima. Podem, ainda, desenvolver problemas de comportamento. Desta maneira, a intimidação exercida pela diretora Trunchbull, sobre os alunos, é algo que pode acarretar diversos problemas atuais e futuros, sendo eles especialmente vulneráveis à sua imposição de autoridade e de força.

Violência Física

No filme, algumas cenas relacionadas à violência física se encontram presentes, a maioria delas protagonizadas pela diretora Agatha Trunchbull. Vemos um exemplo na cena 1, a seguir.

Matilda conversa com colegas sobre a diretora. Ela questiona se o chicote é utilizado de fato para agredir as crianças, e a menina responde, que seria só uma forma de amedrontar. Matilda descobre a existência do chamado “sufoco”, que é um buraco estreito na parede atrás da porta, onde a criança fica de pé em um cano de beira serrada, e as paredes têm cacos de vidro e pregos salientes. Nesse momento, a diretora interpela Amanda, que usava maria chiquinhas. A menina olha para a diretora com uma expressão de medo, e responde sobre o uso do penteado e que sua mãe faz por que acha bonitinhas. A diretora responde que a mãe é uma idiota e que ela deve corta-las fora. Amanda ensaia uma resposta, quando a diretora, com uma expressão de raiva devido o questionamento da criança, segura ela pelos cabelos e a arremessa por cima das grades da escola.

Outra cena que retrata violência física com os alunos está descrita a seguir (cena 2).

Os alunos estão reunidos no auditório. Um aluno, Bruce Bogtrotter, está sendo obrigado pela diretora Trunchbull a comer um bolo enorme, após ter roubado e comido uma fatia do bolo de Agatha. Ele parece estar prestes a passar mal, pois já comeu demais. Matilda então começa com gritos de apoio a ele, engajando todo o auditório. Então, o menino come o bolo todinho e ainda lambe o prato. A diretora, revoltada com a situação, pega o prato do bolo, que era de vidro, e quebra na cabeça do Bruce, além de castigar o auditório todo.

A definição de violência da OMS (2002), como vimos anteriormente, traz que a violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra outra pessoa, ou contra um grupo que resulte nos mais diversos efeitos, como morte, lesões, danos psicológicos, etc. Podemos ver claramente que ambas as cenas acima descritas apresentam indícios de dois tipos de violência: física e psicológica. Na violência física, se tem o arremessar da criança e também o “sufoco”, um armário com espinhos, em que a criança poderia passar horas ou mesmo o dia todo, na cena 1, e a obrigação de comer todo o bolo e da

subsequente quebra do prato na cabeça de Bruce, na cena 2. Em ambas as cenas, percebe-se algumas das formas como a diretora busca reprimir e punir os atos julgados como indisciplina ou má conduta, caracterizando-se também como uma forma de violência psicológica, podemos ver isso quando a diretora ameaça as crianças com o “sufoco” na cena 1 e obriga uma criança a fazer sua vontade na cena 2. Tudo isso, demonstra as relações assimétricas entre adultos e crianças.

Falando-se especialmente de violência física, de acordo com o relatório referente à violência proposto pela OMS (2002) e anteriormente citado, atos de agressão têm impactos importantes na formação de comportamentos e afetos. Segundo a organização, a experiência da violência, na fase da infância ou adolescência, deixa o indivíduo sob uma maior chance de comportar-se agressivamente, ter humor antissocial, praticar atos abusivos em relação a outrem e ter comportamentos com características suicidas (OMS, 2002).

As violências físicas praticadas pela diretora Agatha Trunchbull nas cenas podem representar um fator de risco, no que tange o desenvolvimento sadio dessas crianças, tendo em vista as evidências que indicam que esse tipo de abuso pode estar relacionados a psicopatologias como depressão, síndrome do estresse pós-traumático, abuso de substâncias, sentimentos de vergonha e enfraquecimento cognitivo (OMS, 2002), além de outros transtornos e doenças relacionados ao desenvolvimento (Maia & Williams, 2005). Outra relação muito interessante que o relatório traz, para a discussão dos impactos da violência, em relação aos indivíduos vitimizados, é que existem evidências de que doenças encontradas em adultos, como isquemias, câncer e doenças pulmonares, estão relacionadas a episódios de violência contra crianças. Isso ocorre, justamente, pelo fato de crianças violentadas serem mais frequentemente expostas ao consumo de drogas, álcool, dietas com baixo valor nutricional e pouca atividade física (OMS, 2002). Infelizmente, não é possível aferir isso a

partir do filme, pois o mesmo enfoca-se apenas no desenvolvimento infantil de Matilda e pouco em outros personagens (como Bruce e Amanda).

Afetividade Positiva

Conforme citado anteriormente, Almeida (2008), a afetividade é o conjunto de manifestações de estados de bem-estar ou mal-estar do indivíduo. Destaca-se em especial a afetividade positiva, com manifestações de bem-estar, encontrada especialmente no filme nas cenas que demonstram o relacionamento da srta. Honey com Matilda, em que podemos perceber um vínculo afetivo se formando. São cenas em que vemos o total oposto dos trechos em que se retrata a violência — seja ela física, psicológica ou de negligência.

Uma cena bastante importante a ser retratada, que se relaciona à afetividade positiva, ocorre na metade do filme (cena 1):

Após as aulas, a professora Honey convida Matilda a ir à sua casa, e conversam pelo caminho. A professora conta sobre uma garota que teve de ser cuidada pela tia, que era a diretora Trunchbull; e que esta menina agora vive num belo chalé. Ao chegarem à frente do chalé da professora Honey, Matilda percebe que a professora falava sobre si mesma. Ela convida a menina a tomar chá com biscoitos. Enquanto o chá é preparado, ambas continuam conversando, em um tom de voz agradável. O chá com leite é servido pela srta. Honey. Durante a conversa, ela admite que não foge para longe da tia para não abandonar as crianças da escola, pois gosta dos alunos. Ambas trocam palavras de incentivo, dizendo uma à outra o quanto são corajosas. Na conversa, Matilda afirma que pensava que adultos não sentissem medo, ao que a professora responde que sentem tanto medo quanto as crianças.

Outra cena, também relacionada a este tópico, está no fim do filme (cena 2):

Matilda está tomando chá com a professora Honey, a antiga casa onde a diretora Trunchbull morava. Seus pais chegam de carro e querem que a menina se apresse para ir com eles. A professora, no entanto, diz que poderia levar Matilda para casa depois. A mãe de Matilda, Zinnia, então diz que eles vão se mudar, arrastando Matilda pelo braço. Matilda reluta dizendo não querer ir. O pai de Matilda, Harry, também a pega pelo braço e a arrasta. Matilda então diz que quer ficar com a dona Honey. Sua mãe então diz que a professora não a quer, pois a menina é uma pestinha desobediente. A professora então diz que ama Matilda, e a menina pede para ela a adotar. Harry diz que não tem tempo para burocracia, então a menina diz que já tem os documentos, e rapidamente os pais, Harry e Zinnia conversam sobre a situação e então, concordam em Matilda ser adotada pela professora. O pai de Matilda

questiona se a professora não vai pedir uma pensão, ela diz que não. Os pais de Matilda vão embora, e Matilda pula no colo da srta. Honey.

Em ambas as cenas, percebe-se que Jennifer Honey e Matilda estão tranquilas enquanto se dirigem uma à outra: há carinho e receptividade, expressando então afetividade positiva, com emoções ligadas ao bem-estar por estarem juntas. É fácil perceber que o fato de a professora se mostrar receptiva e tranquila também suscita isso na menina, como um espelho à emoção alheia; suas entonações calmas demonstram o relaxamento que uma proporciona à outra. O chá com biscoitos na cena 1, por si só, é uma demonstração metafórica de grande acolhimento.

Conforme Papalia et al. (2006), como citado anteriormente, a criança deve desenvolver a confiança com os adultos ao seu redor para ter esperança futuramente; e, para que esta confiança seja construída, os adultos devem se mostrar sensíveis e responsivos. Nos trechos retratados, a professora Honey demonstra interesse pelo que a menina lhe diz e acolhe com carinho na frente dos pais da mesma, como nota-se na cena 2. Ainda, mostra-se sensível às falas da criança, expressando emoções: sua troca de incentivos na cena 1, por exemplo, demonstra que ambas estão se apoiando, o que sugere que o apoio de Matilda é importante para a srta. Honey.

Na cena 1, vemos que ambas estão trocando confidências e se acolhendo mutuamente, demonstrando que se sentem seguras juntas. Já na cena 2, a professora Honey é um porto seguro, tornando-se a pessoa com quem Matilda deseja ficar. Conforme Papalia et al. (2006) e Saur et al. (2018), e trazendo a questão de apego a uma criança mais velha, o fato de a menina passar a confiar em sua professora mostra um certo padrão de apego seguro à mesma: um vínculo afetivo bem-estruturado e que demonstra segurança ao estar junto.

Assim, as expressões de afetividade positiva advindas de Jennifer Honey demonstram

um vínculo afetivo profundo com Matilda — mais do que o da menina com os pais. Vemos na cena 2, por exemplo, que ao passar a guarda de sua filha a Jennifer Honey, Zinnia atende a vontade da filha pela primeira vez, mostrando que nunca a entendeu. No Brasil, a adoção não funciona desta maneira, sendo um final caricato. Ainda nessa mesma cena, percebe-se que Harry se preocupa apenas com a parte financeira, não querendo ter deveres e responsabilidades com Matilda, e querendo evitar gastos. De acordo com Martins et al. (2004) para uma boa qualidade na criação dos filhos, requer-se gastos consideráveis em investimentos para favorecer seu desenvolvimento. Matilda foi muito feliz em ser adotada pela professora Honey, que conseguia prover isso para ela a partir do seu salário na escola e também de sua herança.

A partir da adoção, Matilda começaria, então, a ter suas necessidades supridas a partir da relação que tem com Jennifer, estabelecendo cada vez mais um vínculo de confiança e um apego seguro (Erikson, 1982, apud Papalia et al., 2006), e provavelmente superando os problemas no desenvolvimento que teve com seus pais biológicos.

Considerações Finais

Com base no que foi exposto, por meio da análise do filme Matilda, pode-se concluir que o desenvolvimento infantil é influenciado por fatores de proteção ou de risco, que prejudicam a criança e sua vida futura. Em relação às categorias, como exemplo proteção, a afetividade positiva, com demonstrações de acolhimento e carinho, e como risco, diversas formas de violência: física, psicológica ou negligência. Percebe-se, no filme, que a afetividade positiva demonstrada pela relação entre a professora Honey e Matilda, pois Jennifer dá abertura à menina para ser ela mesma e demonstre suas próprias emoções.

Ainda, constata-se que no filme a menina desenvolve poderes sobrehumanos, como a

telecinese, como uma forma de conseguir passar pelas dificuldades sem o auxílio dos adultos. Matilda era, também, uma garota com alta capacidade intelectual, e supriu o apoio que lhe faltou dos pais por meio da leitura desde muito pequena. No entanto, é apenas uma obra cinematográfica, que traz uma realidade que não seria possível. No Brasil, por exemplo, uma criança que sofre com a negligência de seus responsáveis nem sempre tem meios para desenvolver-se plenamente sozinha. Assim, seria papel dos profissionais das áreas social, educação e saúde comunicar às autoridades a suspeita ou conhecimento de situações de maus-tratos a crianças ou adolescentes, como dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), para que assim sejam dados os posteriores encaminhamentos.

Entende-se que, como explicitado anteriormente, crianças que tiverem vínculos de apego inseguro em sua infância terão problemas futuros para desenvolver relacionamentos saudáveis e para permitirem aos próprios filhos um vínculo de apego seguro, pois tenderão a tratá-los da forma com que foram tratados. Assim, as más influências sobre seu desenvolvimento não afetarão apenas a eles, mas sim a formação de outras crianças, que também estarão propensas a repetir os vínculos mais uma vez. Por isso é importante um olhar mais atento ao desenvolvimento das crianças.

Desta forma, considerando-se o cuidado às crianças e adolescentes um dever de toda a sociedade, cabe citar que o Disque Direitos Humanos (Disque 100) analisa e encaminha as denúncias de direitos humanos a grupos específicos; dentre eles, crianças e adolescentes. Ademais, torna-se necessário apontar que a empatia para com a criança possibilita prestar atenção às suas demandas e comportamentos, de forma a compreender quando é necessário intervir e buscar auxílio.

Recomenda-se, então, que em futuros estudos se possa pesquisar como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) auxilia no desenvolvimento infantil de crianças vítimas das

diversas formas de violência, intercalando com a influência da afetividade positiva neste contexto, de forma a compreender como se pode intervir de forma positiva no desenvolvimento infantil. Também em futuras pesquisas, um ponto interessante seria a pesquisa de como levar a escola para além da educação formal, tornando-a um lugar de não apenas aprendizado de conteúdos, mas também de acolhimento à criança e proteção ao seu desenvolvimento, aspecto retratado no filme mediante a relação entre professora Honey, Matilda e os demais alunos da escola.

Referências Bibliográficas

- Abranches, C. D., Assis, S. G. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(5), 843-854.
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003>
- Almeida, A. R. S. (2008). A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. *Inter Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG*, 33(2), pp. 343-357. <https://doi.org/10.5216/ia.v33i2.5271>
- Andrade, S. A., Santos, D. N., Bastos, A. C., Pedromônico, M. R. M., Almeida-Filho, N., & Barreto, M. L. (2005). Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de Saúde Pública*, 39(4), 606-611.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000400014>
- Ariés, P. (1973). *História social da criança e da família*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bee, H., & Boyd, D. (2011). *A criança em desenvolvimento*. Artmed. [Recurso eletrônico].
- Defilipo, E. C., Frônio, J. S., Teixeira, M. T. B., Leite, I. C. G., Bastos, R. R., Vieira, M. T., & Ribeiro, L. C. (2012). Oportunidades do ambiente domiciliar para o desenvolvimento

motor. *Revista de Saúde Pública*, 46(4), 633-641.

<https://doi.org/10.1590/S0034-89102012005000040>

DeVito, D. (Diretor). (1996). *Matilda* [Filme]. Jersey Films: TriStar Pictures.

Ferreira, A. A. L. & Araujo, S. F. (2009). Da invenção da infância à psicologia do desenvolvimento. *Psicologia em Pesquisa*, 3(2), 3-12.

Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1). 1-8.

Hillesheim, B. & Guareschi, N.M.F. (2007). De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento?: Algumas reflexões. *Psicologia da Educação*, (25), 75-92.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República.

Maia, J. M. D., & Williams, L. C. D. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91-103.

Martins, M. D. F. D., Costa, J. S. D. D., Saforcada, E. T., & Cunha, M. D. D. C. (2004).

Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(3), 710-718.

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300007>

Matos, M. (2021). Casos de violência contra crianças e adolescentes crescem na pandemia.

Jornal da USP. <https://jornal.usp.br/?p=413012>

Muszkat, M., & Cardoso, T. S. G. (2016). Neuroplasticidade e intervenções precoces. In

Rodrigues, S., & Chalhub, A. (2009). Amor com dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego. [Trabalho de conclusão de curso]. *Psicologia.pt*.

<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0155.pdf>

Salles, J. F., Haase, V. G., & Malloy-Diniz, L. F. (Orgs.), *Neuropsicologia do*

desenvolvimento: infância e adolescência. (pp. 236-244). Artmed. [Recurso eletrônico].

Organização Mundial da Saúde. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). Desenvolvimento Humano (8ª ed.). Artmed. [Recurso eletrônico].

Qvortrup, J. (2014). Visibilidades das crianças e da infância. *Linhas Críticas*, 20(41), 23-42.

Sarmiento, M. J (2005). Crianças: educação, culturas e cidadania activa, refletindo em torno de uma proposta de trabalho. *Perspectiva*, 23(1), 17-40.

Saur, B., Bruck, I., Antoniuk, S. A., & Riechi, T. I. J. S. (2018). Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. *Revista Psico*, 49(3), 257-265. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.3.27248>

Sierra, V. M. Mesquista, W. A. (2006). Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. *São Paulo em Perspectiva*, 20(1), 148-155.

Souza, J. M. (2014). Desenvolvimento infantil: análise de conceito e revisão dos diagnósticos da NANDA-I. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.7.2014.tde-05112014-115040>

Souza, J. M., & Veríssimo, M. L. R. (2015). Child development: analysis of a new concept. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(6), 1097-1104. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0462.2654>

Wallon, H. (1968). *A evolução psicológica da criança* (trad. Ana Maria Bessa). Edições 70: Lisboa.